Folha d'Ovar

SEMANARIO REGENERADOR

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha 600 "
Fóra do reino accrece o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E EDITOR

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis.—Annuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 5 de setembro

O PARTIDO NOVO

II

No jornal francez, a *Semana Religiosa*, lêmos um resumo das doutrinas do partido que se intitula catholico.

Ahi o vigario geral d'Aras, o abbade Bédu, diz que é preciso:

1.º—«Banir para sempre da constituição o que *loucamente* se chama os principios de 89, e substituil-os pelos principios catholicos, conservadores da jerarchia social.»

2.º—«Restabelecer legalmente os Tres-Estados, solidas bases da antiga monarchia, a fim de haver a representação das forças vivas do paiz, e supprimir o suffragio universal, que nunca será senão mentira.»

3.º—«Deixar á igreja plena liberdade d'acção, e reconhecer-lhe todos os direitos de uma pessoa civil independente.»

4.º—«Descentralisar o sistema administrativo restaurando os direitos e privilegios das antigas provincias.»

5.º—«Descentralisar o ensino e restabelecer as vinte universidades d'outro tempo (eram escholas de jesuitas).»

6.º—«Dar aos paes o ple-

no arbitrio de testar em favor dos *bem-pensantes* (isto é, em favor dos ultramontanos).»

7.º—«Proscrever as sociedades secretas, reprimir *sem piedade* os abusos da imprensa, isto é a manifestação livre do pensamento, pois que segundo a doutrina dos politicos catholicos «o homem não tem direito á manifestação de suas ideias, quando são erroneas, e são erroneas quando o papa as condemna.»

O jesuita Liberatore, redactor em chefe da *Civiltá Catholica*, a gazeta official da Curia Romana, diz na sua *Theologia*:

1.º—«A Igreja tem o direito de impôr a sua vontade ao Estado, mesmo nos negocios temporaes.»

2.º—«Ella pôde corrigir, annullar as leis civis, as sentenças dos tribunaes seculares, impedir os abusos da força armada, ou ordenar o seu uso.» (Que tal?!)

3.º—«O papa domina da altura do céu todos os reis da terra, investido do *direito absoluto* da jurisdicção universal.»

4.º—«Na sua qualidade de vigario de Christo reúne em sua pessoa os dois poderes supremos—é o rei dos reis.»

5.º—«Por consequencia os

«soberanos são vassallos do papa, e não exercem o poder senão como seus delegados.»

6.º—«O pontifice pôde dirigir-os ou suspendel-os a seu bel-prazer, segundo o «exigir a salvação das almas, e portanto os fieis devem obedecer ao papa em tudo e por tudo.»

No seu livro *As Doutrinas Romanas Sobre o Liberalismo*, pag. 40, diz o Padre Ramière:

«Pela realeza social de S. Christo uos entendemos o direito que possui a igreja com elle de exercer a sua divina auctoridade na ordem moral, nas sociedades e nos individuos.»

O Padre Boone, no *Manual do Apologista*:

«O clero catholico é chamado a dominar; é o seu dever; infeliz da sociedade, onde o clero não domina.»

O Padre Marquigny, nos *Estudos Religiosos*, acrescenta:

«Nós trataremos como inimiga a imprensa liberal—não se verá os filhos da igreja receber folhas ou livros onde a verdade e a fé sejam ultrajadas.»

«Nós reivindicamos a completa liberdade d'ensino,

«completa para a igreja, mas não completa para todos, ou crentes, ou livres pensadores.»

«A liberdade é a garantia do direito, e não ha direitos para o erro e a mentira.»

Basta. Sem commentarios. Sabemos que os nossos bispos resolveram perseguir por todos os modos indirectos os jornaes, que ataquem os jesuitas, ou as pretenções e abusos do clero.

Comparadas as theses, que vieram de Roma para serem *approvedas* nos congressos, que ha pouco houve em Lisboa e em Braga, vemos que são algumas semelhantes ao que acima trasladamos.

Muitos bispos queixam-se das conordatas, que restringem a acção da igreja.

Nos congressos ouviu-se a alguns dos oradores—o papa é a unica auctoridade—, e não foram combatidos, nem extranhados.

O *Diario Nacional* é o orgão do episcopado, e lá se publicou o artigo do sr. Barros Gomes, que invoca as doutrinas de Mermillot, de Veuillot, e do conde de Mun, etc.

Os jesuitas estão influindo em todos os seminarios—e até lá se apresentam para estabelecer certas praticas, e tudo se lhes consente.

Os bispos não lhes fiscalizam as escholas. E' um privi-

legio que Roma lhes concedeu, mas que offende a auctoridade dos prelados.

O ensino theologico adopta os seus livros. A ligação entre o episcopado e os jesuitas é cada vez mais estreita.

Já se começou a transferir os parochos collados, canonicamente inamoviveis, o que é uma innovação promovida pelos loyolas para tornar o baixo clero escravo do superior.

Toque-se a rebate nos arraiaes da liberdade.

O partido, que toma o nome de catholico, é o partido clerical ultramontano.

Note-se, já um ministro, o sr. Barros Gomes, deu as igrejas do padroado aos jesuitas da Propaganda.

Durante o governo progressista já se pediu uma universidade catholica, em Evo-

GAZETILHA

Chego a ter dó de ti eu te lamento,
E junto ao meu desprezo a compaixão,
Ao vêr-te patinhar n'essa ambição
Que a vida te converte n'um tormento!

Oh! sordida, medonha e vil paixão,
A que domina em ti, grande avarento!
Miseravel, ignobil, fedorento,
Tens descido á maior abjecção!

Dos nobres sentimentos, se os tivestes,
Não te resta em teu peito um só resquicio
Uma só impressão que valha e preste!

Ambição como a tua é um supplicio,
Um flagello cruel, peor que a peste!
Pois do vicio «é castigo o proprio vicio!»

(«A Tocha»)

Annibal Metralha.

(3) Folhetim da FOLHA D'OVAR

OS ENCANTOS DA HARMONIA

TRADUÇÃO DE

JAYME CIRNE

IV

O conde de Blaincourt sentia-se avergonhado e confuso por se deixar seduzir na sua idade de uma menina de quinze annos; despediu-se portanto da marquezia, fazendo firme proposito de não voltar a sua casa, enquanto sua filha não tivesse voltado para o convento. Logo que chegou a casa, mandou fechar a porta do seu quarto e

passou o dia todo pensando nos encantos e talento de Cecilia, e á noite não pôde conciliar o somno. O resultado das suas profundas reflexões foi que se tinha assustado sem razão; que todo o homem, qualquer que fosse a sua idade, podia ser sensível á belleza reunida aos talentos; porém, como só o conhecimento das qualidades moraes de uma menina tão encantadora poderia subjugar o coração d'aquelle que já tinha passado pela idade das paixões, d'aqui concluiu o conde, com bastante inconsideração, que não devia amar Cecilia, e que da sua parte seria uma loucura privar-se do prazer innocente de a vêr e ouvir; e não contente com isto, pareceu-lhe que tendo sido amigo intimo de Mr. de Chatenay, teria familiaridade bastante com a marquezia para lhe pedir de jantar sem cerimonia alguma. Portanto, levantou-se, penteou-se e vestiu-se,

olhou vinte vezes para o relógio, mandou ás duas e meia preparar o carro, e chegou a casa da marquezia, que ainda não tinha sahido do seu quarto, pois esta nunca tinha pressa de sahir d'elle. Não encontrou, por consequente, na sala senão Cecilia que estava bordando, a qual se levantou com aquella simplicidade propria da innocencia e deu alguns passos ao seu encontro.

—Ah! sois vós, senhor conde?

—Sim, minha senhora.
—Muito gosto me daes n'isso; toquei esta manhã com Hulmandel uma composição nova d'elle, que é muito linda, e terei summo prazer em que a oucaes, porque me pareceu que gostaveis muito de musica.

—Muitissimo, minha senhora, acrescentou o conde, principalmente sendo executada por vós.
—Isso é favor que me quereis

fazer. Olhae, senhor conde. Madame Benoist disse-me que vós ereis um dos melhores amigos de meu pae: eu queria que o fusseis tambem meu.

—Oh! encantadora Cecilia, poderieis duvidar d'isso?

—Sim, conde, duvidarei d'isso, se me elogiardes continuamente; a amizade é franca e sincera; a minha bôa aia, madame Benoist, ama-me como se eu fôra sua filha; e, comtudo, ella nunca me elogiou, reprehende-me muitas vezes, pois na minha idade commettem-se tantas faltas!

—Mas se eu não vejo essas faltas! observou o conde.

—Tanto peor; por quanto, torno-vol-o a repetir, a amizade é perspicaz e nada lhe escapa.

Durante esta conversação, que acabou de transtornar a cabeça do conde, tinha-se Cecilia tornado a assentar para dar continuação á sua

obra, e Mr. de Blaincourt de pé, defronte d'ella, admirou aquella linda mão, debaixo da qual nasciam as rosas de que estava semeado o bordado de Cecilia.

—Quereis, disse-lhe o conde, que eu vos diga que essas flôres não tem propriedade alguma e que bordaes pessimamente?

—Não, senhor conde, respondeu Cecilia; se pensaes o contrario, convireis ao mesmo tempo que não é grande merito saber bordar, visto que qualquer mulher que faz profissão d'isso, e privada de toda a instrucção ou educação, nos leva quasi sempre a palma n'este genero de trabalho.

Este raciocinio causou grande admiração ao conde, o qual não podia persuadir-se que uma menina de quinze annos fosse a que discorria com tanto acerto.

(Continúa)

ra, isto é o restabelecimento d'uma universidade, que foi de jesuitas, e que se esforçou por abater a de Coimbra.

Já os jesuitas ousaram propôr ao actual governo, o incumbirem-se de todo o ensino secundario mediante um contracto, e uma retribuição menor que a despeza do estado, julgando que os ministros eram assaz simplórios para lhes aceitarem a proposta.

Dizem que ao paço não desagrada o novo partido.

Haja quem avise o soberano.

O novo partido não vem senão perturbar o paiz, embaraçar a marcha dos governos, provocar luctas estereis.

(Continuaremos)

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

CONFRONTOS

XI

Carga d'Ossos

«Hoje, Carga d'Ossos, não tenho tempo para te perguntar pelo roubo dos cordões d'ouro, feito a tua mãe.

Tu deves-te lembrar bem d'isso e tambem da desgraçada que soffreu durante muito tempo por sobre ella terem recahido as suspeitas.

Lembras-te? era uma pobre rapariga, honrada, séria; e por tua causa ella sahiu da terra, corrida de vergonha, e foi soffrer, chorar, lá longe. Lembras-te? a mãe d'essa pobre entrevou, ficou amarrada a uma cama chorando a sua vergonha, e comtudo tu que eras o ladrão, mas não o confessaste senão quando te viste quasi preso. Lembras-te? tua velha mãe foi bater á porta d'essa velha entrevada e pediu-lhe perdão, mas ella recusou-lho e morreu pouco tempo depois. Em vez do perdão, lançou a maldição sobre todos os descendentes da tua familia, e essa maldição recahiu inteiramente, completamente sobre ti.

Desde então ficaste com o sestro de roubar, de commetter crimes, de os attribuire a outros.

Foi como o de Pardilhó, quantas pragas te rogaria elle? Quantas vezes elle invocaria a maldição celeste sobre ti e teus descendentes?

Lembras-te? a rapariga veio depois de tu confessares o teu crime, e fez a Santo Antonio uma promessa que cumpriu, vindo de joelhos desde sua casa até á capella do Santo. Lembras-te? as ruas ficaram aqui e além com um rasto de sangue que provinha dos joelhos d'essa pobre rapariga, e cada pinta de sangue transformou-se n'uma ruga que hoje te sulca o rosto.

Lembras-te d'essa rapariga desacreditada por ti e pelo roubo que commettes-te? tambem eu: eu vi-a chegar á capella de Santo Antonio e quando o povo se agglomerava em volta, perguntando por que fez aquella promessa, ella apenas respondia com uma torrente de lagrimas.

Essas lagrimas representavam o numero de crimes que havias de commetter d'ahi para o futuro.»

(Do Povo d'Ovar n.º 45.)

O crime de S. Vicente

(Continuado do n.º 108)

Todos perguntavam: «quem matou?». A isto nada se respondia, porque não havia resposta certa na qual se envolvesse o nome d'este ou d'aquelle como auctor dos attentados que imputaram aos appellantes e a outros.

O proprio representante da accusação no seu bem elaborado discurso, limitou-se sempre a perguntar: «quem matou?». A resposta a esta pergunta, dizia elle, deixo-a á consciencia do jury. Limitava-se a isto por dever do seu officio, e nem mais lhe forneciam os autos.

Não obstante isto, o jury cahe na iniquidade, arrastado e corrompido por aquelles poucos que desejavam faltar odios no sangue das victimas.

Miseravel é o fim d'aquelles que, para vangloria do seu poder, procuram na innocencia o alimento para os seus odios. Esta miseria deu-se n'este processo.

Os appellantes Albino da Silva Figueiredo e Victorino da Silva Figueiredo, são filhos d'um antigo regedor de S. Vicente, d'esta comarca. Este homem tem tido os seus amigos e as suas convicções. Quanto hoje custa ter convicções!

Odios antigos e conquista de poder determinaram sacrificar pae e filhos. Ainda não estava formada a pauta dos jurados, e já se fazia publico que alguem havia de fazer com que estes appellantes haviam de ser condemnados.

Explicavam o caso, uns dizendo que era por causa do advogado que os defendia, outros diziam, porém, que era preciso dar um pontapé em F... e mostrar a F... F..., etc., que quem tinha poder era elle, *quidam*.

Fraco poder que se colhe bebendo o sangue das victimas! Louca vaidade do que se julga subir, tendo de passar por sobre ruinas e lagrimas.

Tres *furias* houve que proclamaram bem publicamente n'esta comarca que o jury era seu, e que por imposição ou por qualquer outro meio, faria o que fosse determinado ou imposto.

Principiou o julgamento, e os processos de que já antes se serviam, continuaram a ser postos em pratica. Subornaram o jury, e um jurado houve que foi obrigado a dar-se como impedido, afim de que um *quidam* entrasse na sala das conferencias do mesmo jury.

Este, para cumulo de escandalo e de immoralidade, leva consigo a constituição do facto na qual estava articulado que o jury havia de dar como provado o crime de ferimentos voluntarios sem intenção de matar, que ocasionaram a morte.

Estê *quidam* explicou ao jury que era preciso isto, e que não exigia muito, pois dando como provado o que elle queria, apenas imporia a pena aos réos que elle desejava condemnar, de dois mezes a tres de prisão correccional. E isto que se affirmava não é uma pura invenção de despertar na alma de Vossa Magestade a condolencia para com os appellantes.—E' a verdade, sem mais nem menos.

Logo que sahiu a pauta dos jurados, a todos se recommendou e fez sciente do que se havia de fazer.

Este processo escandaloso e miseravel excede a perversida-

de de que se pôde imaginar no coração humano.

A alma popular tem assomos ainda de virtude. E muitos jurados houve que a esta exigencia responderam «*que desejavam viver e morrer tranquillos; ou todos absolvidos; ou, se os obrigavam a fazer uma injustiça, todos seriam condemnados.*»

Chegado o dia do julgamento, jámais as tres *furias* desampararam o jury que devia julgar os appellantes e os outros réos.

Corromperam-se, fizeram-se imposições, obrigou-se um a dar-se como impossibilitado para que um *quidam* entrasse na sala das conferencias. No ultimo dia do julgamento, sendo interrompida a audiencia no fim dos debates oraes, bebeu-se pela condemnação dos réos, e não sei se ao terminarem o banquete infernal houve quem invocasse Deus para testemunha da sua miseria. Depois de jantados, e em seguida, recolheram-se á sala das conferencias os jurados.

No jantar em que, á excepção d'um, todos estiveram presentes, leu-se uma minuta que era preciso transcrever na resposta aos quesitos, fossem elles quaes fossem.

«Era pouca coisa» approvar o crime de ferimentos voluntarios sem intenção de matar, que ocasionaram a morte.»

«Approvado isto assim, os appellantes teriam apenas dois mezes de prisão correccional!!!» Isto mesmo se repetiu na sala das conferencias durante algumas horas corridas em disputa e em lucta contra tal opinião, e por varias vezes se ouviu esta voz: «ou todos absolvidos, ou a fazer-se uma injustiça, todos serão condemnados por igual.»

Houve então ameaças, houve imposições, e até se recorreu ao engano, affirmando-se a muitos jurados na sala das conferencias que era apenas para os réos appellantes terem dois mezes de prisão.

Foi de toda esta miseria, de todos estes processos escandalosos, que sahiu o *verdictum* do jury!

Era preciso que os appellantes fossem victimas para que em cima dos seus destinos sagrados os satrapas do odio e da vingança levantassem um pedestal miserando para collocar a sua memoria.

Senhor! Professaes a religião do Christo, e na constituição que vosso bisavô deu ao povo portuguez, protegeil-a e defendeil-a porque ella é a mais sublime inspiradora. A' luz do Evangelho do Crucificado apreciaie que crime é o d'aquelle que pede aos jurados a condemnação de innocentes, e os obriga á pratica da maior das iniquidades.

(Continúa)

As audiencias geraes

III

Quando nos numeros anteriores nos occupamos d'este assumpto, sempre de alta gravidade e importancia e mui principalmente no momento, em que *todos*, grandes e pequenos, incluindo os proprios magistrados, manifestavam o seu descontentamento pelo resultado final das audiencias geraes no trimestre passado, declaramos bem frizantemente que não era, nem nunca foi, nosso intuito inquirir das causas que prepararam taes decisões, nem tão pouco discutil-as; o que faziamos, bem claro o dissemos, era, no

uso d'um direito incontestavel, apreciarmos essas decisões á face do criterio da boa razão. E, guiados *unicamente* por esse direito, expozemos, como é nosso invariavel costume, tudo quanto sentimos a tal respeito, não nos esquecendo mesmo de darmos um pallido reflexo do effeito que ellas produziram nos nossos concidadãos. Eis a verdade que resalta para todos, mesmo para o *Ovarense* á simples leitura dos nossos artigos. Aquelle nosso collega, porém, não o entende assim. Com o feitiço que sempre teve, e que mais se radicou depois do infeliz consorcio com o defuncto *Povo*, de passar o tempo e encher as suas columnas, maldizendo tudo e todos, veio á estacada, controvertendo os factos e transformando por completo a ordem de ideias, que nos orientou, fazendo pensar que era nosso intuito desconsiderar o jury que funcionou no trimestre decorrido. Ha-de ser sempre o mesmo, o que não admira porque ninguém dá senão o que tem.

E para levar a agua ao seu moinho, vem o *Ovarense* disparar a principio, pretendendo justificar a decisão tomada na audiencia de julgamento de Maria Gilvaz, accusada d'um crime dos mais graves e para o qual é inexoravel o codigo penal, pois que o considera odioso e repugnante. Pretende fazer acreditar aos nescios que o crime não tinha prova juridica e que a absolvição foi um resultado fatal do que constava dos autos. E não podendo valer-se da prova testemunhal, porque essa foi esmagadora e conteste, recorre a argumentos frivolos, que poderão calar em quem for completamente ignorante, mas que nada provam em face da medicina legal. E são esses argumentos que o articulista considera *d'arromba*. Não admira! Quem tem o arrojo de fazer a descoberta do *parto das gallinhas*, como argumento de sensação, para provar a innocencia da Gilvaz, é capaz tambem de descobrir que o phenomeno da maternidade n'uma mulher parturiente segunda, terceira, ou quarta vez, se manifesta com toda a nitidez, decorridos que sejam *dezoito ou vinte dias*, depois do parto, época em que foi feito o tão apregoadado e decantado exame que serviu de base á argumentação de tão denodado defensor de Maria Gilvaz, mulher *aliás* de costumes irreprehensiveis e de comportamento exemplar!

Ignoramos se o articulista tirou privilegio de invenção para estes argumentos, mas se por ventura o não fez, deve appressar-se em conseguil-o porque terá feito a sua independencia em breves tempos como *parteiro* das gallinhas. Ora todo o aranzel engendrado pelo *Ovarense*, pelo que respeita a exames, se desfaz, em face da sciencia, com uma simples reflexão e vem a ser: que com um decurso de tempo, como aquelle, em que se fez o exame da Gilvaz, a não ser que a mulher seja parturiente pela primeira vez, em que ficam vestigios indeleveis a attestar a maternidade, é difficilimo, senão quasi impossivel, determinar se os vestigios examinados são resultados do parto, se d'outra qualquer causa determinante.

Demais o exame de que se trata foi feito n'uma mulher, que por todas as formas procurava encobrir o seu crime, o que muito concorre para a difficilissima classificação dos elemen-

tos symptomaticos, encontrados na examinada.

Mas, senhor articulista, os medicos não disseram por fórma alguma que não haviam vestigios. O que elles affirmaram, tanto na administração como no tribunal, foi exactamente o contrario.

Vestigios ha, diziam elles, mas esses vestigios, taes como se apresentam, tanto podem ser o resultado de um parto como d'outras causas. O que elles não affirmaram, nem podiam por modo algum affirmar, sem risco de lésa sciencia, era que aquelles vestigios eram a consequencia necessaria e fatal d'um parto, sem que se podessem attribuir a outras cousas. Eis a verdade; eis o que toda a gente, *que sabe ao menos ler*, deprehe de da leitura do relatório dos peritos no exame directo. N'estas circumstancias de indecisão, em que poderiam ficar os julgadores, qual devia ser o elemento de prova, que havia de fazer desaparecer a duvida que, momentaneamente, assaltaria os espiritos dos jurados?

Sem duvida alguma era a prova testemunhal. E essa aprezentou-se tão completa, quer no corpo de delicto, quer na discussão, que o articulista do *Ovarense* nem se atreve a tocar n'ella, de leve que seja! Mas porque será que o articulista toma tanto a peito a defeza d'esta heroina? Comprehen-de-se que para salvar situações *criticas* de amigos, deitasse abaixo toda a sua livraria e toda a sciencia das suas *descobertas* na audiencia do julgamento, mesmo porque isso lhe renderia o infindo prazer de um jantar intimo, que, para ser completo, só lhe faltou o elemento *nobreza*; mas depois d'isso, no campo falso, em que se encontra, só se explica por vaidade. Ora, collega, seria bem melhor não tocar no assumpto, que vinhamos de expôr sem commentarios.

Não nos forçaria a lembrar-lhe a scena que se passou no tribunal.

Era tão conscienciosa a decisão do jury que, depois de demoradissimo empate, veio para o tribunal evidenciar o tristissimo espectáculo de alguns dos seus membros não quererem ser presentes á leitura da decisão, provocando esse facto umas apostrophes do proprio presidente do jury. E sabe porque se conservaram até final do julgamento, dentro do tribunal, os dois individuos, a que allude? Era porque queriam presenciar até onde podem chegar outros individuos, que allí se conservaram *tambem* até final do julgamento e que já por decôr, já por respeito de *estado*, deviam ser mais *cautos* já que não foram *castos*. Ahi tem a resposta. Seguimos nosso caminho sem invectivas; ao collega não lhe soffreu o animo, e por isso tenha paciencia, porque o que lhe deixamos dito não é por mal.

Ao resto responderemos no proximo numero.

Traços rapidos

Muito conhecido, muito considerado, muito sympathico e muito modesto.

Um bom rapaz; pôde-se dizer «uma boa alma», «um coração docil».

Os Rossines admira-os elle muito.

Tanto assim que é musico, um musico regular.

Ai, ai... — quando elle ar-

ranca da sua «namorada», da sua rebecca notas ternas, agudas, muito tremidas, muito sentimentaes—ai, ai...

E depois conhecem-o todos um fanatico, um louco por musica. Porisso, em noites quentes, de luar, elle, todo modestia e acanhamento, cede ao pedido dos seus amigos: faz-se acompanhar de alguns discipulos e... ás primeiras arcadas, annunciação do «Canto da Virgem».

(As Julietas vareiras que digam o que entenderem).
E' amigo do seu amigo, e tem por lemma —honra e trabalho.

Lili.

NOTICIARIO

EXPEDIENTE

Começamos a cobrança do 1.º semestre do nosso jornal que principiou em 21 de junho e finda em 21 de dezembro.

A todos os snrs. assignantes a quem temos enviado os competentes recibos, pedimos a fineza de os mandarem satisfazer com a maior brevidade possivel.

No Furadouro

A grande vida sente-se agora na esplendida costa do Furadouro, onde é já bastante a concorrência de banhistas que diariamente e de muitas partes vão chegando.

Inumeras familias d'esta villa têm fugido para ali desde o principio do setembro corrente. De modo que em Ovar até meado de outubro—uma insipidez prolongada para aquelles a quem não cabe o poder de morar nas praias um ou dois mezes, gozar as suas brizas, sentir de chofre as ondas do oceano por sobre o physico!

Em Ovar agora—completa solidão!

A costa do Furadouro tem augmentado consideravelmente. Muitas e bonitas construcções pelas ruas principaes, estabelecimentos de todos os generos e bem montados, uma assembleia chic, e de quarto em quarto d'hora, carruagens para a villa e estação ferrea, etc., etc. N'estas condições, vai esta praia sendo bastante conhecida por longe, e dentro de um anno pôde-se equiparar a Espinho e Granja sem vergonha.

E se isto assim não é, que nos desmintam os muitos banhistas que a povoam.

Cumpra agora á camara mandar illuminar a costa como merece, e fazer limpeza ás ruas.

Festividade em Vallega

Aventuramos nos a prophetisar bem da festa da Senhora de Lourdes, em Vallega, e fomos felizes na prophesia.

Teve essa festividade lugar, como annunciamos, no domingo. Grande festividade, indubitavelmente—a principal d'este anno.

Na manhã d'esse dia houve missa solemne com musica e sermão. O templo ricamente adornado. De tarde pregou o conhecido orador, abbade de Passos Brandão, que satisfez bem os habitantes da freguezia. Findo o discurso, sahio a procissão.

Muito bem organizada e extensa, vindo n'ella representada a Fé, Esperança e Caridade, por meninas bem vestidas; a Arca da Alliança; Adão e Eva; muitas virgens, etc. Em tudo isto notamos apenas o pouco gosto no tocante ao calçado das meninas e dos meninos—sapatos muito velhos, muito rôtos, muito cambados e todos bolorens, tost!, e muitas d'aquellas creanças de chinellitos de liga!

Muito caricato realmente!

Ao avoitecer recolheu a procissão. E depois da benção da Senhora de Lourdes aos seus devotos, fechou-se a porta do templo, e terminou assim a grande festividade.

—Na capellita da Senhora da Saude, no extremo de Vallega, ha domingo proximo uma festa que consta de arraial com musica.

Incendio

Na tarde de sabbado passado, manifestou-se incendio em um pinhal, sito na Quinta do Caibro, (Porto Loboza) em Vallega, propriedade do nosso amigo e correligionario, sr. José Roiz Borges, de S. Gonçalo, d'aquella freguezia, ardendo grande porção de matto e alguns pinheiros.

Acudiu a vizinhança, conseguiu apagar em breve o fogo.

O nosso amigo, sr. Borges, pediu-nos que por meio da *Folha d'Ovar*, agradecesse em seu nome a todas as pessoas que voluntariamente prestaram o seu valioso auxilio na extincção d'aquelle incendio, evitando d'aquella fórma maior prejuizo para elle, caso aquelles soccorros não fossem tão promptos.

Da nossa parte, sentimos o desgosto por que o sr. Borges passou.

O nosso folhetim

Fica interrompida por alguns dias a publicação do folhetim interessante «Os Encantos da Harmonia», traducção do nosso assiduo collaborador litterario, Jayme Cirne, interrupção devida a este nosso amigo velho ter ido para a terra a ferias.

Brevemente, pois, segundo Jayme Cirne nos promette, continuará a publicação d'aquelle folhetim.

Senhor da Piedade

Está definitivamente resolvido festejar-se com grande solemnidade nos dias 15, 16 e 17 d'este mez, o Senhor da Piedade, na Costa do Furadouro.

Promette muito este anno os festejos na vizinha praia, e nós desejamos que a briosa commissão leve a cabo todos os seus projectos e veja bem realizados os seus trabalhos.

No numero proximo publicaremos o programma das festas.

E até lá... esperemos com paciencia.

«A Vitalidade»

Recebemos a visita d'este novo semanario, que vê a luz publica em Aveiro.

Declara-se independente e é muito bem redigido, sendo seu director o sr. Accacio Roza, um joven escriptor de subido merito.

Agradecemos a visita do nosso collega aveirense, e appetecemos-lhe uma vida desafogada, cheia de *accacias e de rozas...*

Notas rapidas

No comboio da noite de domingo, partiu para a capital, o nosso amigo José d'Oliveira Gomes.

Saude e pintos, e que breve nos visite.

—Devia ter chegado hontem a esta villa, o nosso amigo Manoel Bastos.

Força

De passagem para o Porto chegou hontem de manhã a esta villa uma força de 55 praças de cavallaria n.º 10, sob o commando do sr. capitão Ramos, que vai tomar parte nas grandes manobras militares.

Seguiu á noute para o Porto.

«Cancioneiro de Musicas Populares»

Variadissimo, como sempre, o fasciculo 18.º, que acabamos de receber, d'esta excellente publicação portuense. Contém sete numeros de musica, com a respectiva letra, para todos os paladares. Uma Ave Maria, cantada em diversos templos da Beira, um fado, um hymno e outras, destacando-se uma choreographica, que decerto pouca gente desconhece e que tem o seguinte estribilho:

Eram quatro pretinhos,
Todos quatro da Guiné,
E deitaram a fugir
Dansando o Sericoté.
Sericoté, Sericoté,
Vieram de San Thomé.

Tum, tum, arraial,
Tum, tum, caracol,
Tum, tum, pintasilgo
Tum, tum, rouxinol.

Eis o summario do presente fasciculo:

«Ave-Maria», religiosa, offerecida á sr.ª D. Maria José Tenreiro Festas.—«Noite de primavera», canção offerecida á sr.ª D. Theodora de Jesus Lima.—«A quinta do Ramalhão», cantiga politica, offerecida á sr.ª D. Isolina Teixeira Braga.—«Hymno Constitucional de 1826», offerecido á sr.ª D. Catharina Lopes Martins.—«Fado choradinho», canção da desgraçada, offerecida á sr.ª D. Amelia de Aguiar Almeida Pinto.—«Sericoté», choreographica, offerecida á sr.ª D. Amelia dos Santos Barreto.—«Don Solidon», dança de roda, offerecida á sr.ª D. Marianna Soares Dias.

Bernardo Quadros

Tivemos no sabbado á noute o prazer de vêrmos este nosso amigo e 2.º tenente de artilheria.

José Gomes

Seguiu para o Furadouro o grande, o incomparavel e nosso amigo José Gomes.

Que as salsas aguas não lhe façam mal ao mimoso corpinho, são os nossos desejos.

S. Paio

Na Torreira tem lugar no dia 6, 7 e 8 a grande romaria de S. Paio. Costuma ser muitissimo concorrida.

«Os filhos da millionaria»

Resumo do entreccho das cadernetas n.ºs 27 e 28 d'este interessante romance, devido á pena do notavel escriptor Émile Richebourg, e em publicação na casa editora Bellem & C., de Lisboa.

A condessa de Rosamont, antes de morrer, faz saber a seu marido de que modo descobrira em outro tempo os seus amores com Maria Sorel, e revela-lhe que d'essa ligação nascera um filho, circumstancia que era completamente ignorada pelo proprio conde. André Clavière, que perante a lei civil era considerado pai do moço André Clavière, e que fora mortalmente ferido em duelo pelo barão Raul de Simiana, havia casado com a pobre Maria Sorel horas antes de morrer, com o generoso intuito de legitimar o filho do conde de Rosamont, que muito brevemente devia vêr a luz do dia, e de deixar a sua immensa fortuna, á mulher amada que só durante horas tivera por esposa.

O conde de Rosamont visita o asylo de Boulogne, em que foi educado o seu filho, e procura saber as mais futeis particularidades, que com elle se produziram durante a sua permanencia n'aquella casa de caridade, sentindo-se profundamente

te commovido de momento a momento.

No entretanto a sr.ª Clavière e o seu filho vão estabelecer a sua nova residencia em Avranches.

Carta do Furadouro

Quem é que escreve estas linhas? Pois quem ha-de ser?!... E' o Pilhinhas, aquelle rapaz despretençioso que uza chapéo de palha que lhe fica bem na gentileza do porte, e que as formosas banhistas contemplam todos os dias ao banho, maravilhando-se pelo *gajé* com que colloca o monoculo.

Eis em poucas palavras, meus caros leitores, *metaphysicamente* fallando, uma pequenissima imagem do vosso humilde admirador, encarregado de escrever estas cartas d'aqui.

Cartinhas que *positivamente* hão-de ser simples e hão-de contar minuciosamente tudo quanto houver de mais interessante e palpitante.

Está dito tudo, dito isto.

—Que o mar vem quebrar de mansinho na areia da praia, e que a briza traz nas suas azas de volúdo a branca e finissima espuma para depositar nas carminadas e doces faces (peço licença ao Jayme), das nossas gentilissimas banhistas.....

Isto é muito bonito, ficava lindamente n'um madrigal; mas para mim só tem a grande utilidade de encher linguados e nada mais.

Mas logo que vos lancei ao papel correi perolas soltas, que eu tinha guardado para mandar á minha amada quando estivessemos em *meia* correspondencia.

Que direi mais? O Furadouro, de gratas recordações para mim, ainda não largou o manto de pasmeceira que mandou fazer durante o inverno ultimo; coitadito, quebra-se-me o coração ao vel o tão triste e abatido, por mais que os correspondentes dos jornaes de Lisboa e Porto lhe *receitem* aquellas grandes listas de familias que a todos os momentos estão chegando.

—Para hoje está annunciada uma unica sessão «de coisas do outro mundo» pelo americano do norte dr. Leo Stanley no nobre salão d'Assembleia.

Até á data d'esta carta ainda não abriu a Assembleia.

Com uma carestia d'assumpto d'esta ordem e natureza nada mais tenho que vos dizer.
Prometto para a semana ser mais extenso.
Furadouro, 4 9-94.

Pilhinhas.

CHRONICA

S. MIGUEL

Eu prefiro a quadra outomnal a todas as demais estações do anno, inclusivè da primavera.

Lindo, lindo sem duvida, este tempo, este mez a que a gente do campo chama—o S. Miguel.

Quem não vae, porque não pode, não quer ou não o deixam, gozar parte da estação corrente nas praias... a banhos, não deve mal-dizer, entendo eu, da sua sorte.

Os campos agora tem maior atracção, encontra-se n'elles mais belleza, um inefavel consolo, uma tal ou qual poesia.

O outomno é todo bellezas e agra-dos.

O S. Miguel é o mez fertil das vindimas, dos pecegos melhores, da ceifa dos milheirões.

Este mez, espera-o a mocidade alegre aldeã, rejubilosamente, impacientemente, porque é agora que começam as esfolhadas; e vem ahi, para maior poesia e contentamento dos dandys campestres o bello luar!

Parece-me até vêr já o Manel, o cantador de maior fama do logarejo, saltar para o montão das espi-

gas, *temperar* a viola, e, ao som vagaroso, um tanto ou quanto monotonos da «canninha-verde», sabirse com esta:

O dever do cantador
Ao chegar á *estunada*,
E' salvar as raparigas
E toda a rapasiada!

E logo a seguir:

Aqui 'stou á vossa beira
Prompto p'ra vos ajudar.
Vá depressa, raparigas,
Vamos p'ra eira dançar!

Tem d'estas coisas o outomno, com que a gentinha de *sangue azul* não se importa, e com que até se aborrece. Eu, porém, que sou fidalgo e plebeu, não desgosto d'estes innocentes divertimentos.

Demais, morreria de todio n'esta terra, passeiando a avenida solitaria, a mocidade em peso na Costa do Furadouro, as repartições publicas quasi ás moscas, sem freguezia, sem ninguem que dê dez réis de cavaco a um triste como eu, só em Ovar, apenas com mais dois ou tres collegas a tomar parte na minha tristeza.

Quem se apraz sómente no meio da animação, faça-se até ao Furadouro. Nos grandes estabelecimentos da moda, o *high-life*, pauzinho da India na dextra, luva cinzenta, côr do céu claro, côr dos teus olhos... querida *fifi*—charuto, a mão esquerda sobre a corrente de plaquet reles, porém bastante luzidia, a imitar ouro puro de lei, para deslumbrar, cegar, enganar, finalmente, os olhos da menina fronteira, a sr. D. ***, que dá sorte de costas ao gentil F...

Ao esmorecer da tarde, magotes de banhistas lá vão, caminho do norte ou sul, pela beira mar, á cata de concharitas para a mezinha do quarto do *papá* d'ella, ou da secretária amorosa d'elle...

De manhã, ao banho, goza-se muito: a briza fagueira e doce, o choque das salsas ondas, e depois duas palavrinhas d'amor, á furtadella, de modo a todos perceberem.

E a velhada, essa falla nos seus haveres, nas suas relações com o conde de Ribamar, a duqueza de Carcavellos, a linha fidalga de que descendeu; emfim, a sua importancia no mundo social. A' noite, o grande salão da Assembleia reúne em si o que ha de mais elegante e distincto n'aquella Furadouro encantador.

Isto para quem pôde e para quem gosta.

Cá os pobres, nós, tres entes desprezados de Deus e dos homens, abraçados como bons amigos, vamos escrevendo estas linhas... com lagrimas e suspiros e «ais», e pouco distante, embrenhado na balseira proxima, o rouxinol, como que a escarnecer-nos, gorgeia aquella sublime canção da Natureza que só Deus a comprehende, e nós a ouvimos com delicia e fervorosa attenção.

A chronica d'hoje, tarefa confiada a tres, vale bem—devem concordar—um tostão.

Encerra ella tiradas de prosa triste, prosa amena e alegre, e depois, aqui e além, umas quadras alleãs que retivemos na memoria desde o passado anno,—umas quadras

Que são feitas a martello
E sem metrificacão
Que não valem uma cifra
Que não valem um cifrão.

Fomos tres a escrever, e todos tres vamos fechar as portas d'esta chronica ao leitor; mas antes d'isso, porém, só pedimos, imploramos que

Ninguem se esqueça dos tres
Filhos da Virgem Maria:
—D'esta firma acreditada
Jayme, Zé & Companhia!

ANNUNCIOS

EDITOS

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar, e cartorio do escrivão Coelho, correm editos de 60 dias, a contar da segunda e ultima publicação d'este no *Diario do Governo*, citando João Pereira Gomes da Fonseca e mulher, auzentes em parte incerta no Brazil, para assistirem a todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por morte de Manoel José Gomes da Fonseca e mulher, do largo de S. Miguel, freguezia d'Ovar.

Ovar, 24 d'agosto de 1894.

Verifiquei.

O juiz de direito,
Salgado e Carneiro.

O escrivão,

João Ferreira Coelho.

(20)

Arrematação

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No dia sete de outubro proximo futuro, por meio dia e á porta do tribunal da comarca, sito no edificio do hospital d'esta villa, por deliberação do conselho de familia no inventario de menores a que se procede por fallecimento de Antonio de Oliveira Manorte, morador, que foi, na rua do Lamarão, d'esta villa, no qual é cabeça de casal a sua viuva Rosa da Silva, se ha-de proceder á arrematação d'uma morada de casas terreas, com quintal, parte de poço, caminho de carro e mais pertenças, sita na dita rua do Lamarão, e avaliada na quantia de 200,000 réis.

Este predio ha-de ser entregue a quem mais der sobre aquelle valor, sendo as despesas da praça e a contribuição de registro por conta do arrematante.

Pelo presente são citados os credores incertos para deduzirem os seus direitos.

Ovar, 31 d'agosto de 1894.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
*Salgado e Carneiro.*O Escrivão,
Eduardo Elyzio Ferraz de Abreu.

(21)

ESTABELECIMENTO

Balneo-therapico de Luso

(PROXIMO Á MATTA DO BUSSACO)

Águas alcalinas-bicarbonatadas
sodicas

ABRIU NO 1 DE JUNHO

REPERTORIOS

ALMANACHS

PARA 1895

DA ANTIGA LIVRARIA POPULAR
DOS LOYOSA maior e mais variada colleção
que existe,
entrando n'ella o antigo almanach
critico, satyrico e prognostico

O SERINCADOR

Por Liborio de Magalhães
e o novo almanach

O SABIO SARAGOÇANO

Pelo mesmo auctor

bem como

O Almanach das feit ceiras, Propheta Universal, Novo amigo da verdade e o Pae Ambrosio de Suza (O Preto)—Borda Leça, Bordas d'Água (são 3), Borda Vinho, Borda d'Ouro, Astrologo Luzitano e Pedro Coutinho Velloso.

Para revender grandes descontos
Deposito geral

Imprensa Civilisação, editora

MANOEL FERREIRA DE LEMOS

Rua de Passos Manoel (perto da Rua
de Santo Ildefonso) 211 a 215 para onde
podem ser dirigidos todos os pedidos
acompanhados da respectiva importancia:
Fornecem-se Tabellas de preços
aos revendedores.

HOTEL CENTRAL

(ANTIGA CAROÇA)

de Viuva Luiza Candida Cerqueira & F.ºs

Este magnifico hotel installado no palacete dos Monfalins, na principal rua, centro da cidade e proximo á estação do caminho de ferro, acha-se montado nas condições de bem servir os ex.ºs forasteiros que visitam a princeza do Lima.

Magníficos commodos. Jardins para
passeio, excellente tratamento e preços
para todas as classes.

Rua Manoel Esperqueira

VIANNA DO CASTELLO

VENDA DE UMA CASA

Vende-se uma morada de casas altas, com quintal e poço, sita na rua dos Lavradores, d'esta villa.

Quem pretender, dirija-se aos snrs. José Maria Carvalho dos Santos, da rua de Santo Antonio, e Abel de Pinho, da rua dos Ferradores, tambem d'esta villa.

CONCURSO

no
Jornal de Agricultura e Horticulura
Pratica

UMA MEMORIA A PREMIO

Os esforços do *Jornal de Agricultura e Horticulura Pratica* em bem servir a santa causa da lavoura nacional, tem sido amplamente compensados não só pela constante e valiosa collaboração dos seus amigos, que formam o numero e distincto corpo de redacção, mas tambem pelo entusiastico acolhimento que lhe foi feito em todo o paiz, e o que é mais, nas ilhas e possessões ultramarinas.

Isto que é muito, que nos enhora e que nos orgulha, collocamos porém no sagrado dever de não nos contentarmos com os louros adquiridos, obrigando-nos, reconhecidos, a trabalhar mais e mais em tornar o nosso jornal cada vez de maior interesse para os

seus leitores que tão devotadamente o protegem.

Para este fim resolvemos iniciar uma série de concursos onde serão admittidas memorias inéditas sobre os assumptos que mais podem utilisar á nossa agricultura. A mais valiosa d'estas memorias será conferido um premio, por jury competentissimo na especialidade, premio que, se não representará uma recompensa valiosa do trabalho feito, será contudo um galardão de honra, uma enobrecedora distincção, a mais valiosa e digna de todas as condecorações.

O *Jornal de Agricultura e Horticulura Pratica*, dando-lhe em seguida larga publicidade nas suas columnas, tornará conhecido de todos quantos no paiz e no estrangeiro se interessam de alma e coração pelos progressos do nosso maior e mais valioso ramo de industria, a rural, o glorioso nome do vencedor.

Como as questões vitícolas são as que ao presente mais nos interessam, e como infelizmente não ha entre nós um estudo completo sobre as castas das videiras cultivadas no paiz, falta devéras sensível, resolvemos que a primeira memoria posta a premio versará sobre tão valioso thema.

O jury que tem de avaliar os trabalhos apresentados a este primeiro concurso, é composto dos ex.ºs srs.:

Joaquim Pinheiro de Azevedo Leite, notabilissimo viticultor de larga erudição, e um dos primeiros, senão o primeiro introductor de videiras americanas em Portugal.

José Taveira de Carvalho, o sabio director dos trabalhos ampelographicos, tão notavel agricultor como escriptor distincto.

Visconde de Villarinho de S. Romão, o illustre auctor dos *Flagellos da Videira*, do *Portugal Agricola* e de muitos outros bons trabalhos de propagança em defeza da lavoura nacional.

Não podiamos, pois, apresentar cavalheiros mais competentes e de mais segura garantia para uma justa e imparcial adjudicação do premio que consistirá na quantia de

CEM MIL RÉIS

O concurso para o qual chamamos a attenção de todos os nossos leitores, será regulado por o seguinte

Programma

1.º Por espaço de quatro meses a começar em 1 de julho e terminar em 31 de outubro, está aberto um concurso publico, para uma memoria inédita, escripta em lingua portugueza, sobre o seguinte thema: *As castas de videira cultivadas em Portugal sob o ponto de vista na qualidade, produção, adaptação e resistencia ás diversas epiphytias.*

2.º As memorias tem de ser entregues na redacção do *Jornal de Agricultura e Horticulura Pratica*, até ao dia 31 de outubro de 1894, inclusivè, acompanhadas de um envelope fechado incluindo o nome do auctor e tendo externamente uma divisa igual á inserida no involucro da memoria.

§ unico. Só o envelope correspondente á divisa do trabalho premiado, é que será aberto afim de ser conhecido o nome do auctor. Os outros serão entregues intactos, juntamente com as respectivas memorias, em troca do recibo de recepção.

3.º O jornal publicará a memoria premiada, cuja propriedade lhe fica além d'isso, pertencendo para todos os effeitos.

4.º Ao auctor da memoria classificada em primeiro logar pelo jury será immediatamente adjudicado o premio.

Imprensa Civilisação

DE

MANOEL F. LEMOS

OFFICINA DE CONFIANÇA, FUNDADA EM 1878

R. de Passos Manoel, 211 a 219

(Quasi em frente da R. de Santo Ildefonso)

PORTO

Nesta officina imprime-se com promptidão, nitidez e por preços relativamente modicos, todo e qualquer trabalho typographico.

Facturas, memoranduns, mappas, bilhetes de loja, enveloppes, jornaes de pequeno e grande formato, obras de livro, todos os trabalhos para Associações de Soccorros, etc., etc., para o que ha abundancia de typos communs e de phantasia, bem como variadas e lindas combinações recebidas das principaes casas estrangeiras.

BILHETES DE VISITA a 150 e 200 réis o cento

BILHETES DE RIFA a preços baratos

BILHETES DE LUTO para agradecimento

Enviem-se pelo correio a quem fizer o pedido acompanhado da respectiva importancia.

TEM A VENDA:

RELAÇÕES que os proprietarios dos hotéis são obrigados a enviar com o nome dos hospedes ao commissariado de policia.

LIVROS para registo de hospedes.

RELAÇÕES de novo modelo para receber o juro das inscrições, bem como das obrigações de 4 e meio p. c., etc., etc.

TABELLAS do movimento da população, que os srs. regedores e parochos das freguezias são obrigados a enviar semanalmente para as administrações.

RECIBOS para todas as Juntas de parochia (modelo official).

ARRENDAMENTOS para caseiros e senhorios.

GUIAS para acompanhar a correspondencia official ao correio.

NOTAS de expedição para encomendas feitas pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL

Lei de 28 de junho de 1894, e respectivo Regulamento, approvado por decreto da mesma data, contendo as tabellas das industrias; taxas de imposto segundo a ordem da terra; prazos das reclamações; fundamento d'ellas, etc., etc.

Acha-se publicada esta obra, cujo conhecimento é sobremaneira interessante a todas as classes industriais, fabris, commerciaes, artes e officios. Estudando-a, fica sabendo o contribuinte quaes as obrigações que tem a cumprir e que direitos lhe assistem para evitar injustiças e agravos tributarios. A edição é sobremaneira economica, e por tão diminuto preço é a unica que se encontra no mercado. Cada exemplar custa apenas 200 réis; pelo correio, 220.

Aos revendedores desconto vantajoso, não sendo os pedidos inferiores a 10 exemplares.

Remette-se para a provincia a quem enviar 220 réis em estampilhas, ao editor A. José Rodrigues, rua da Atalaya, 183, 1.º—Lisboa.

CASA EDITORA

DE

GUILLARD, AILLAUD & C.º

Rua Aurea, 242-1.º

Manual do Carpinteiro
e Marceneiro

Este Manual que não só trata de moveis e edificios, é um tratado completo das artes de carpinteria e marcenaria, adornado com 211 estampas intercaladas no texto, que representam figuras geometricas, molduras, ferramentas, samblagens, portas, sobrados, tectos, moveis de sala, etc., etc.

Este Manual de Carpinteria e Marcenaria contem aproximadamente 580 paginas e serão distribuidas nas seguintes condições:

Assigna-se em Ovar—Casa de Silva Cerveira.

IMPRESA CIVILISAÇÃO

Rua de Passos Manoel, 211 a 219